

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

**The Bachelor's Degree in Piano at FAMES and Its
Relationship with the Labor Market in Espírito
Santo:
Challenges and Perspectives**

Paula Rubia Bianchi¹

Sam Houston State University

bianchipaular@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-6839-1495>

Fernando de Oliveira Magre²

Faculdade de Música do Espírito Santo

fernandomagre@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1608-1389>

Submetido em 16/05/2025

Aprovado em 18/09/2025

Resumo

Esta pesquisa buscou compreender como os pianistas formados no Curso de Bacharelado em Piano da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) estabelecem relações entre sua formação musical e a prática profissional no Estado do Espírito Santo. A motivação para o estudo partiu da observação da atual redução da procura pelo referido curso. Para alcançar os objetivos propostos, foram coletadas e analisadas informações provenientes de documentos institucionais e de entrevistas semiestruturadas realizadas com egressos do curso, com o intuito de compreender suas experiências tanto durante a formação quanto no mercado de trabalho. A partir da análise dos resultados, foi possível observar que, apesar de ter havido um aprimoramento no currículo do curso de bacharelado em piano erudito da FAMES, este ainda não atende integralmente às demandas contemporâneas que um músico irá enfrentar no mercado de trabalho, sobretudo no contexto capixaba.

Palavras-chave: Mercado de trabalho em música; FAMES; Piano Erudito; Espírito Santo (Estado).

Abstract

This research aimed to understand how pianists who graduated from the bachelor's degree in Piano at FAMES establish connections between their musical training and professional practice in the State of Espírito Santo. The study was motivated by the current decline in demand for the referred course. To achieve the proposed objectives, data was collected and analyzed from institutional documents, and from semi-structured interviews conducted with program graduates to explore their experiences during their education and in the job market. The analysis of the results shows that, although the curriculum of the Bachelor's degree in Classical Piano at FAMES has improved, it still does not fully meet the contemporary demands that musicians face in the job market, particularly within the context of Espírito Santo.

Keywords: Job market in music; FAMES; Classical Piano; Espírito Santo (State).

1. Introdução³

A Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) teve sua origem em 1952, quando foi criado, ainda apenas no papel, o Instituto de Música do Espírito Santo (IMES), durante o governo de Jones dos Santos Neves. Em 1954, o IMES foi transformado na Escola de Música do Espírito Santo (EMES), uma instituição pública de ensino artístico, que iniciou suas atividades funcionando em salas do Grupo Escolar “Irmã Maria Horta”, na Praia do Canto, em Vitória. Ao longo dos anos, a EMES consolidou-se como um importante centro acadêmico, tornando-se uma entidade autárquica em 1969, com personalidade jurídica, autonomia didática, financeira e administrativa, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura. Em 1976, a escola mudou-se para um prédio no Centro de Vitória e teve seu curso superior, com habilitações em canto, piano e violino, aprovado pelo MEC. Em 2004, após 50 anos de existência, a escola foi elevada à condição de Faculdade de Música do Espírito Santo e, em 2009, a instituição passou a denominar-se Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira”, em homenagem ao maestro e compositor capixaba. Atualmente, a FAMES oferece, além dos cursos de graduação⁴, programas como Musicalização Infantil, Formação Musical e Cursos de Extensão, mantendo-se como uma referência no ensino musical no Espírito Santo (FAMES, 2023).

A escassez de pesquisas sobre a história e o ensino da música no Espírito Santo evidencia a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre a trajetória e os desafios da FAMES, especialmente no que diz respeito ao seu impacto no cenário acadêmico e profissional da área. Nesse sentido, foram encontrados dois trabalhos que servem como ponto de partida para esta pesquisa: o artigo “Escola de Música do Espírito Santo: 50 anos de história”, de Regina Nava Martins

¹ Bacharel em piano pela FAMES – Faculdade de Música do Espírito Santo; Master student na Sam Houston State University (EUA).

² Fernando Magre é graduado em Música-Licenciatura (2013) e especialista em Regência Coral (2015) pela Universidade Estadual de Londrina. É mestrando em Musicologia na Universidade de São Paulo, orientado pela Profa. Dra. Silvia Berg, onde desenvolve pesquisa sobre a música-teatro de Gilberto Mendes. Em 2016, realizou estágio de pesquisa no CESEM-UNL, sob supervisão da Prof. Dra. Maria João Serrão, com o auxílio da FAPESP. Tem participado de congressos no Brasil e no exterior, com destaque para as conferências RIdIM de 2015 (Columbus-EUA) e 2016 (São Petersburgo-Rússia), no encontro Essence and context (Vilnius-Lituânia), em 2016 e no EIMAD (Castelo Branco-Portugal), em 2017. É cofundador do Grupo Vocal Entre Nós (Londrina-PR), e atualmente canta no Coro Contemporâneo de Campinas, sob regência de Angelo Fernandes.

³ Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Paula Rubia Bianchi sob orientação de Fernando de Oliveira Magre no curso de Bacharelado em Música com Habilitação em Piano na Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira”.

⁴ Atualmente, a FAMES oferece os seguintes cursos de graduação: Licenciatura em Música (matutino e noturno), Bacharelado em Música com Habilitação em Instrumento e Canto, e Bacharelado em Música com Habilitação em Música Popular.

(2006), que, após integrar por muitos anos o corpo docente da instituição, realizou o primeiro resgate histórico sobre a FAMES, e o livro “Notas sobre a Fames”, de Daniela Ribeiro e Catarina Carneiro (2010), que apresenta uma narrativa sobre as memórias, história e documentos da faculdade⁵. No entanto, em relação às discussões sobre o ensino, o currículo e a atuação profissional do pianista erudito no Espírito Santo, não foram encontradas pesquisas acadêmicas que dialoguem diretamente com esta investigação.

Outra motivação para a realização deste estudo é a considerável redução do quadro discente da Faculdade, refletindo as mudanças nas possibilidades profissionais oferecidas, bem como a estrutura curricular e administrativa da educação institucionalizada. Relatórios da Comissão Própria de Avaliação (CPA) da FAMES, a partir de 2009, indicam uma recorrente ocorrência de vagas remanescentes no curso de bacharelado e uma queda na procura pela graduação em piano. Além disso, esses documentos apontam para uma predominância masculina nos cursos de graduação e uma redução na participação feminina no corpo docente, dados que se opõem às informações de anos anteriores encontradas por Martins (2006), nas quais a FAMES era composta majoritariamente por mulheres alunas, professoras, funcionárias e diretoras.

Através de tais informações, temos a hipótese de que a baixa procura de estudantes pelo curso de piano erudito está relacionada à falta de articulação entre o currículo do curso e a realidade desses estudantes, o que não lhes dá uma formação para se inserir em um ambiente profissional com o piano erudito. Este ambiente pode ser compreendido por diversos campos de atuação, destacando-se o ensino de música e de piano nas esferas pública e privada, apresentações solo, correpetição, música de câmara, pesquisa, regência coral, eventos em geral, produção musical, ensino universitário, dentre outros (CERQUEIRA, 2010). Dessa forma, buscamos, com esta pesquisa, promover uma reflexão sobre a formação oferecida e o campo profissional no Estado do Espírito Santo partindo da seguinte questão central: Como pianistas bacharéis formados pela FAMES estabelecem relações entre a sua formação musical e o trabalho que exercem?

Além disso, para contextualizar e ampliar a compreensão da investigação proposta, serão mencionados aspectos como as atividades desempenhadas pelo pianista, seu ambiente profissional, a situação do mercado de trabalho em música no Espírito Santo, a história institucional da FAMES, o papel do Estado e das políticas públicas, o perfil do egresso e, consequentemente, as

⁵ Para uma visão mais ampla sobre a história da educação musical no Espírito Santo, ver: Harder e Zorzal (2007).

questões de gênero. No entanto, esses aspectos não serão aprofundados, servindo apenas como elementos de contextualização para a análise principal.

Logo, o foco principal desta pesquisa é o ensino de piano oferecido pela FAMES e sua relação com as possibilidades de atuação profissional no Espírito Santo. A FAMES, desde sua fundação, é a única instituição no Estado que oferece o bacharelado com habilitação em piano, além de ser historicamente responsável por grande parte das atividades relacionadas à música erudita na região. Por isso, o objetivo geral da pesquisa foi analisar como a formação em piano erudito na FAMES prepara (ou não) seus alunos para o mercado de trabalho, além de identificar as formas de fomento e as relações políticas entre a instituição e o Estado, e compreender a situação atual dos egressos do curso. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a estrutura curricular do ensino superior em música, formação musical e sociologia do trabalho, além de um levantamento de documentos da FAMES, incluindo Projetos Pedagógicos Curriculares, Relatórios da Comissão Própria de Avaliação, regimentos internos e outros registros históricos, que fornecem um panorama da evolução da instituição e do curso de piano.

Além da pesquisa documental, a investigação contou com entrevistas semiestruturadas com três pianistas formados pela FAMES, representando diferentes gerações e áreas de atuação. Isa Virgínia Boechat, Janne Gonçalves e Matheus Cutini compartilharam suas experiências profissionais e perspectivas sobre a formação recebida na FAMES e sua inserção no mercado de trabalho. As entrevistas, que permitiram uma análise qualitativa das trajetórias individuais dos egressos, refletem suas vivências e contribuem para a compreensão das dinâmicas de ensino e atuação profissional dos pianistas eruditos no Espírito Santo.

2. Alguns aspectos estruturais da FAMES

A história da FAMES, conforme analisada por Martins (2006), revela um longo processo de transformações na instituição entre 1954 e 2004, período em que sua estrutura organizacional permaneceu, em grande parte, inalterada, apesar das mudanças no contexto político e educacional. Criada em 1954, a escola passou por dificuldades financeiras e estruturais, mas consolidou-se com a criação do curso superior em Piano, Canto e Violino. O reconhecimento oficial desses cursos veio em 1976, e foi também nesse período que ocorreu a primeira formatura do curso de piano, com a diplomação de seis alunas. Esse cenário, de grande presença feminina na FAMES, também está relacionado ao histórico de gênero da música erudita, que, no Espírito Santo, refletia uma realidade de exclusão das mulheres de outros campos profissionais, sendo a música vista como um “dote”

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

feminino, conforme o olhar de Martins (2006) e de Carneiro e Ribeiro (2010), onde o piano, enquanto símbolo de prestígio social, era tradicionalmente atribuído à educação feminina, e a FAMES refletia esse padrão em seu quadro acadêmico, que até meados dos anos 2000 era predominantemente composto por mulheres.

A partir dos anos 2000, a FAMES começou a apresentar um quadro acadêmico progressivamente mais masculino, o que se reflete no ingresso e permanência de um número crescente de alunos do sexo masculino nos cursos de música, incluindo o curso de piano. Relatórios da Comissão Própria de Avaliação (CPA) indicam uma diminuição significativa da presença feminina no quadro acadêmico, com a porcentagem de mulheres ingressantes no curso de bacharelado em música com habilitação em instrumento/canto caindo drasticamente para 6% em 2019. Esse fenômeno está relacionado a um processo social mais amplo, de transformação no papel da música erudita na sociedade, o que reflete a dinâmica de gênero na música em nível nacional, conforme apontado por Segnini (2014), que observa a predominância de músicos homens, brancos e de classe alta na música clássica no Brasil.

A predominância feminina na instituição até os anos 2000, seguida pela crescente masculinização do ambiente acadêmico, reflete uma mudança mais ampla nas dinâmicas sociais e culturais do Brasil, especialmente no campo da música erudita. À medida que a música foi se consolidando como uma profissão mais reconhecida, observou-se que esse campo passou a ser predominantemente dominado por homens. Historicamente, a prática musical esteve restrita a um contexto de distinção social, e as mulheres acessavam a música principalmente como parte de sua educação, com a performance limitada a ambientes domésticos ou à atuação como professoras de crianças. Ao analisar o quadro de diretores da FAMES, observa-se que até a década de 1990 havia uma predominância de mulheres na direção; entretanto, desde 2009, quando a direção passou a ser indicação direta do Governador, não havendo mais eleições, não houve mais o exercício do cargo por uma diretora mulher. De maneira semelhante, observa-se a masculinização do ambiente acadêmico tanto no quadro docente quanto no discente. No último concurso docente, realizado em 2022, houve uma predominância masculina entre os aprovados. No corpo discente, essa tendência se reflete na crescente participação masculina, que representou 94% no curso de Bacharelado em Música em 2019 e 75% em 2020.

O percurso da FAMES também foi marcado por uma série de conflitos administrativos e políticos. A tentativa de incorporação da FAMES à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), iniciada nos anos 1970, não foi concretizada, resultando em cortes orçamentários e instabilidade

institucional. O período de gestão de Maria das Graças Neves (1980) foi conturbado, marcado por desentendimentos internos e polarização na comunidade acadêmica, com disputas pela direção da instituição. Apesar dos desafios, a FAMES continuou a desenvolver sua produção artística, com a realização de eventos e concursos de grande relevância para o cenário musical capixaba. Na década de 1990, a gestão de Isa Boechat enfrentou ameaças de fechamento da instituição, mas conseguiu garantir sua continuidade, enfrentando pressões políticas e econômicas e, mesmo assim, promovendo grandes conquistas para a instituição, como a ampliação dos cursos e o fortalecimento da produção artística. Em 2004, a FAMES passou a ser reconhecida como Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), criando novos cursos e ampliando suas ofertas acadêmicas, incluindo a implementação do curso de Licenciatura em Música e, mais tarde, o curso de Bacharelado em música popular em 2017.

3. Mercado de trabalho em Música

Amanda Cerqueira (2018) busca compreender o significado da expressão “viver de música” e como a sociologia do trabalho pode iluminar uma categoria de músicos pouco estudada no Brasil, aqueles que atuam como trabalhadores e empresários de si mesmos. Por meio de entrevistas com músicos independentes, a pesquisa revela os desafios enfrentados por esses profissionais. A autora afirma que esse empreendedorismo de si mesmo está diretamente ligado à precarização, uma vez que muitos músicos enfrentam condições de trabalho instáveis e desvalorizadas.

No contexto dessa precarização, músicos relatam que a flexibilidade do trabalho muitas vezes os levam a aceitar baixos cachês, se apresentarem gratuitamente para aumentar seu público e até mesmo realizar trocas informais de serviços. Isso reforça ainda mais a informalidade no setor, um fenômeno observado também no Espírito Santo. No estado, muitos estudantes e músicos eruditos são encorajados a realizar recitais gratuitos como forma de autopromoção e para conquistar novas oportunidades. Além disso, quando há remuneração, ela frequentemente não é justa, estável ou proporcional à complexidade do trabalho envolvido, que, muitas vezes, exige meses de preparação.

Esses desafios estão associados às noções de liberdade e autonomia no trabalho musical, que, paradoxalmente, estão diretamente ligadas à incerteza e à intensificação do trabalho (CERQUEIRA, 2018). A desregulamentação das formas de proteção social também é um fator que agrava a situação, visto que muitos músicos não têm acesso a garantias trabalhistas ou seguridade social, o que contribui para a precarização ainda mais intensa da profissão. Esse quadro é um reflexo das

transformações no regime de acumulação capitalista e da flexibilização do mercado de trabalho, que afeta diretamente os músicos brasileiros, inclusive os do Espírito Santo.

Luciana Requião (2005), ao estudar os processos de trabalho musical, observa que, com as transformações econômicas e sociais, o perfil profissional do músico e seu campo de atuação passaram por significativas modificações. A autora afirma que os perfis profissionais bem delimitados, como os encontrados nos cursos de graduação em música, já não refletem mais a realidade da atuação profissional do músico. Isso ocorre porque, em muitos casos, o músico não consegue se estabelecer profissionalmente ao restringir suas possibilidades de atuação a uma única competência. Ao contrário, ele acaba se tornando multifacetado, assumindo atividades como professor, músico de eventos, produtor, entre outras funções. Embora o contexto atual seja diferente daquele estudado por Luciana Requião em 2005, percebe-se que continua corrente sua constatação da necessidade de o músico saber administrar a profissão, tendo em vista que os contratos de trabalho, quando existem formalmente, continuam sendo, em geral, temporários.

Diante disso, é necessário pensar a articulação entre os currículos das instituições de ensino e a realidade profissional, o que torna urgente a revisão dos projetos pedagógicos nos cursos de música no Brasil. No caso da FAMES, os projetos pedagógicos do curso de bacharelado em música buscam formar profissionais capazes de atuar em uma ampla gama de áreas, como solistas, membros de corais, preparadores musicais/vocais, cameristas, membros de orquestras, bandas sinfônicas e outros conjuntos musicais, além de estúdios, gravadoras, teatros, centros culturais, escolas de música, entre outros (FACULDADE, 2011, 2018, 2022).

4. O Bacharelado em música com habilitação em piano da FAMES

Aqui realizamos a análise dos documentos disponibilizados para esta pesquisa. São apresentados dados retirados do site institucional da FAMES, como o Regimento Interno, os relatórios da Comissão Própria de Avaliação e os Projetos Pedagógicos do Curso de 2011, 2018 e 2022. Também foram consultados documentos do arquivo permanente da FAMES, acessados por meio do dispositivo de Acesso à Informação, como os Regimentos Internos de 1974, 1975 e 1991. Cabe mencionar a dificuldade em acessar os documentos históricos da FAMES devido a uma organização e descrição inadequadas do seu arquivo permanente. Isso compromete o papel da FAMES em preservar sua história e memória, tornando urgente uma política de tratamento e organização dos documentos institucionais de valor histórico.

Além dos documentos institucionais, a pesquisa contou com fontes orais provenientes de entrevistas, que complementam as informações obtidas nos arquivos. Através dessas entrevistas, foram coletadas percepções subjetivas que não poderiam ser extraídas apenas dos documentos.

4.1. O projeto pedagógico do Curso

Daniel Cerqueira (2010) e Raquel Avellar Coutinho (2014) discutem as questões relacionadas aos currículos de cursos de bacharelado em música, especialmente no que tange à formação de pianistas eruditos. Cerqueira (2010), em sua pesquisa, traz um histórico do piano no Brasil e no mundo, além de entrevistar pianistas formados, destacando o tradicionalismo da pedagogia conservatorial que prevalece nos cursos de graduação e como isso impacta a atuação profissional dos músicos. Coutinho (2014), por sua vez, analisa os projetos pedagógicos do Bacharelado em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e aponta que o currículo do curso não se alinha às exigências do mercado de trabalho local, com a formação voltada predominantemente para o músico intérprete, enquanto muitos egressos acabam atuando em áreas como o ensino de música. Ambos os autores destacam a necessidade de reformulação dos currículos, considerando as mudanças culturais, políticas e sociais, e questionam o modelo de ensino elitista que ainda persiste nas instituições de ensino superior, dificultando o acesso a uma formação musical mais abrangente.

Outro ponto a ser destacado são os programas de música erudita⁶, pautados em uma estrutura conservatorial, que se constituem de uma lista restrita de repertórios majoritariamente europeus com eventuais obras brasileiras, todas classificadas por níveis de dificuldade. Com avaliações subjetivas, estes ambientes não têm levado a motivação em consideração, levando os alunos a se submeterem a controle rigoroso e autocobrança excessiva (Cerqueira, 2010). Entretanto, conforme o autor, o repertório pianístico erudito não é o motivo dessa situação, mas sim a metodologia do ensino tradicional que ainda vigora nas instituições de ensino superior em música. Marcus Medeiros (2013) define o ensino conservatorial como uma abordagem pedagógica que prioriza a preservação de saberes e valores tradicionais. Essa perspectiva se opõe a tendências progressistas e inovadoras.

Os regimentos internos de 1974 e 1975 estabeleciam que o curso de graduação em música era dividido em dois ciclos: básico, para complementar a formação anterior do estudante, e

⁶ Além dos projetos pedagógicos de curso, cada habilitação dos cursos de Bacharelado possui um programa específico de obras do repertório elencadas em ordem cronológica e/ou estilística. O programa se refere, especificamente, às disciplinas de instrumento.

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

profissional, visando a habilitação para o exercício profissional. O curso tinha duração mínima de 1620 horas, distribuídas em seis a dez períodos, com disciplinas obrigatórias e complementares. O ciclo básico incluía disciplinas como Piano, Harmonia e Canto Coral, enquanto o ciclo profissional abrangia disciplinas como Estética, Música de Câmara e História da Música, totalizando 25 disciplinas obrigatórias. As avaliações práticas eram realizadas por meio de exames com bancas formadas por professores, e o regimento previa a participação em eventos e recitais obrigatórios. Segundo Isa Boechat, que atuou como professora e chefe de departamento entre as décadas de 1970 e 2010, a estrutura organizacional e curricular do curso de graduação se manteve semelhante ao longo da década de 1980 (BIANCHI, 2024).

Com a reestruturação regimental de 1991, foi incluído o estágio supervisionado e aumentado o número de módulos das disciplinas práticas e teóricas, totalizando 37 disciplinas. A carga horária permaneceu a mesma, com 8 períodos. Janne Gonçalves (BIANCHI, 2024), ex-aluna deste período e professora entre os anos de 2004 e 2019, destacou a alta carga de disciplinas práticas e a rigidez do programa de piano, que exigia a execução de 32 peças ao longo do curso, e destacou o caráter subjetivo e a falta de critérios das avaliações com banca examinadora das avaliações da disciplina de instrumento.

Documentos do ano de 2004 revelam que o curso de bacharelado em piano da FAMES tinha uma carga horária total de 1888 horas, distribuídas em 8 períodos, com duração mínima de 4 anos e máxima de 6 anos. O curso era composto por disciplinas como Percepção Musical, Harmonia, História da Arte, Instrumento, Canto Coral, Transposição e Acompanhamento, Contraponto, Música de Câmara, Estética, Didática do Instrumento, Análise Interpretativa de Repertório, Psicologia da Música e Projeto Final (Concerto), entre outras. Além disso, o programa de repertório pianístico especificava a quantidade de peças a serem executadas por semestre, detalhando período, estilo e, em alguns casos, o compositor.

O Projeto Pedagógico Curricular (PPC) de 2011 adotou uma abordagem interdisciplinar, fundamentando-se na tendência progressista crítico-social dos conteúdos, organizando o curso em três núcleos: Conteúdos Básicos, Formação Específica e Conteúdos Teórico-Práticos, com carga horária total de 2.460 horas. O PPC de 2018 manteve a estrutura, mas incluiu disciplinas como Trabalho de Conclusão de Curso e Música e Mercado. O PPC vigente atualmente foi implementado em 2022 e introduziu mudanças como a inclusão de disciplinas como Música e Tecnologia, História das Músicas Populares e Pedagogia da Performance, entre outras, com carga horária total de 2.430 horas distribuídas em 8 períodos.

4.2. A grade curricular da FAMES em comparação a outros cursos de bacharelado em música (piano) no Brasil

Buscando compreender o equilíbrio entre disciplinas práticas e teóricas, carga horária e objetivos do curso de bacharelado em piano erudito, é apresentado aqui um breve comparativo com grades curriculares das seguintes universidades brasileiras: Universidade de São Paulo (USP)⁷, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)⁸, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)⁹ e Universidade Federal da Bahia (UFBA)¹⁰.

A análise comparativa das grades curriculares revela que todas essas instituições oferecem uma base sólida em teoria e história da música com pequenas variações na abordagem. No entanto, cada instituição tem suas particularidades e enfoques. A USP e a UFRJ tendem a focar mais na música erudita, se aproximando do modelo conservatorial e ofertando mais disciplinas práticas, priorizando a prática instrumental e a performance. A grade curricular da UFMG se assemelha à UFRJ, entretanto com menos disciplinas práticas tendo também como trabalho de conclusão apenas um Recital, não sendo exigida a defesa de um TCC e nem a realização do estágio supervisionado. Já a UFBA equilibra disciplinas práticas e teóricas e traz ênfase em repertórios variados, assemelhando-se ao modelo conservatorial, mas abrindo espaço para outras práticas como estágio e TCC.

A FAMES apresenta uma grade mais integradora e interdisciplinar, assemelhando-se ao modelo universitário de cursos de graduação de outras áreas. A carga horária de disciplinas obrigatórias é consideravelmente maior do que nas outras instituições aqui citadas, em que muitas disciplinas que são ofertadas como optativas e eletivas nas grades curriculares da USP, UFRJ, UFMG e UFBA, são obrigatórias na FAMES. Além disso, as disciplinas optativas da FAMES são, em sua maioria, teóricas. Dessas instituições, a FAMES é também a única instituição que apresenta mais de 5 disciplinas nos últimos semestres e requer tanto o TCC no formato genérico, quanto o recital de

⁷ Projeto pedagógico da USP: Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=27&codcur=27421&codhab=700&tipo=N>. Acesso: 14 mai. 2025.

⁸ Projeto pedagógico da UFRJ: Disponível em: <https://musica.ufrj.br/images/pdf/2023-piano-ppc.pdf> Acesso: 23 out. 2024.

⁹ Projeto pedagógico da UFMG: Disponível em: https://musica.ufmg.br/wp-content/uploads/2020/06/PROJETO_PEDAG%C3%93GICO_M%C3%93SICA_2017.pdf Acesso: 23 out. 2024.

¹⁰ Projeto pedagógico da UFMG: Disponível em: https://musica.ufmg.br/wp-content/uploads/2020/06/PROJETO_PEDAG%C3%93GICO_M%C3%93SICA_2017.pdf Acesso: 23 out. 2024.

formatura, enquanto a UFBA e a USP adotam um modelo específico de TCC que dialogue com o recital de formatura.

4.3. Levantamento de dados a partir da Comissão Própria de Avaliação

A CPA (Comissão Própria de Avaliação) da FAMES é um órgão colegiado permanente, autônomo, criado em 2011 para implementar e coordenar a avaliação institucional interna, conforme o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES)¹¹. Sua atuação visa identificar potencialidades e fragilidades do plano pedagógico, alinhando-se ao Plano de Desenvolvimento Interno, ao Projeto Pedagógico do Curso e às políticas nacionais de educação superior. A metodologia inclui análise documental e aplicação de questionários à comunidade acadêmica, resultando em relatórios anuais. Entre 2009 e 2022, seis relatórios finais foram produzidos e disponibilizados no site da instituição. Destes, foram selecionados dados que dialogam com o problema desta pesquisa e que possibilitam a sua contextualização e discussão.

Quanto à realização de atividades artístico-culturais, a análise dos relatórios da CPA permite inferir que a FAMES teve uma expressiva atividade entre 2010 e 2015, com destaque para recitais, concertos, festivais e masterclasses. Documentos obtidos em arquivos pessoais de ex-professores revelam que, em anos anteriores, houve eventos relevantes dedicados ao piano, como o 3º Encontro Internacional de Piano (2010) e o IV Festival Internacional de Piano (2013), que contaram com masterclasses, concertos e participação expressiva de alunos, indicando que, em períodos específicos, o piano erudito teve maior destaque na instituição. No entanto, a partir de 2016, há uma redução na especificidade dos eventos, com menos menções a atividades direcionadas ao piano erudito. Em 2019, o piano erudito foi pouco contemplado, com participação limitada a um concurso e alguns concertos, sem registros de recitais de formatura de pianistas. Já no período de 2020 a 2022, a pandemia de Covid-19 impactou significativamente as atividades presenciais, com eventos migrando para o formato virtual e pouca menção a atividades pianísticas.

A análise das vagas ofertadas pela FAMES ao longo das décadas revela um cenário de transformações significativas, marcado por altos e baixos na demanda pelo curso de bacharelado em música, especialmente na habilitação em piano. De acordo com os regimentos internos da década de 1970, a FAMES oferecia 120 vagas anuais, com 60 destinadas ao piano, 30 ao canto e 30 ao violino, número que podia ser ajustado conforme decisões do Conselho Departamental. Na

¹¹ Lei nº 10.861/2004.

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

década de 1980, conforme relatos da ex-professora Isa Boechat (BIANCHI, 2024), as vagas eram altamente disputadas, com todas as vagas preenchidas após processos seletivos concorridos, indicando um período de grande prestígio, possivelmente impulsionado pela valorização da música erudita na época.

Nos anos 1990, o número de vagas para piano aumentou para 150, consolidando-o como a principal habilitação, enquanto outras áreas ofereciam entre 10 e 20 vagas. Esse aumento pode ser interpretado como uma tentativa de atender a uma demanda crescente ou de consolidar o piano como a principal habilitação da instituição. No entanto, é importante destacar que, nesse mesmo período, a FAMES contava com 160 professores, um número consideravelmente maior do que os aproximadamente 60 docentes atuais. No início dos anos 2000, o curso de piano continuou em alta, com turmas completas, mas, a partir de 2009, houve oscilações no número de candidatos e ingressantes. Em 2016 e 2017, a oferta de 100 vagas (agora divididas igualmente entre os cursos de licenciatura e bacharelado) foi mantida, mas o número de ingressantes diminuiu em relação ao número de candidatos.

A partir de 2018, os relatórios da CPA passaram a destacar a remanescente de vagas como uma fragilidade. Em 2020, das 50 vagas ofertadas ao curso de Bacharelado em Música com Habilitação em Instrumento e Canto, apenas 21 foram preenchidas; dentre estas, 7 vagas eram destinadas ao curso de piano erudito, das quais apenas 2 foram ocupadas. Nos anos de 2021 e 2022, a falta de dados nos relatórios da CPA e demais documentos institucionais dificulta a análise, mas a tendência de redução no número de ingressantes parece persistir. Essa drástica redução no número de ingressantes no curso de piano pode ser atribuída a uma série de fatores, incluindo a pandemia de Covid-19, que impactou diretamente a educação e a cultura, mas também à falta de políticas de incentivo à música erudita e à performance instrumental.

A partir das entrevistas realizadas, é possível supor que a FAMES tenha recebido, em grande parte, alunos provenientes de Igrejas, os quais teriam iniciado sua formação musical no ambiente religioso. Essa percepção, embora não sustentada por dados quantitativos, também se relaciona à nossa vivência na instituição. Ademais, Isa Boechat (BIANCHI, 202) sugere que, sobretudo nas primeiras décadas de funcionamento do curso de graduação, esses alunos poderiam pertencer majoritariamente a uma elite socioeconômica.

Segundo os relatórios da CPA, entre 2010 e 2022, o número de ingressantes no bacharelado em música na FAMES variou significativamente. Em 2010, dos 86 ingressantes (entre os cursos de licenciatura e bacharelado), 21 eram do bacharelado, as habilitações não foram informadas. Em

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

2016 e 2017, o bacharelado recebeu 21 e 19 alunos, respectivamente, com 11% dos ingressantes destinados ao curso de piano erudito. Em 2018, 25 alunos ingressaram no bacharelado, sendo 4 em piano. Em 2019, o curso de piano recebeu 2 alunos. Em 2020, dos 21 ingressantes no bacharelado, 2 foram para o curso de piano. Entre 2021 e 2022, apenas 1 aluno ingressou no curso de piano. Quanto ao perfil dos ingressantes no curso de bacharelado, houve predominância do sexo masculino, variando entre 57% (2010) e 94% (2019). A faixa etária mostrou variação: em 2010, 62% tinham mais de 25 anos, enquanto em 2016 e 2019, a maioria tinha menos de 30 anos. Em 2021 e 2022, a faixa predominante foi entre 30 e 39 anos.

O perfil dos alunos egressos do curso de Bacharelado em Música também foi analisado nesta pesquisa: entre 2005 e 2010, a CPA realizou pesquisas com egressos da FAMES, incluindo licenciatura e bacharelado, e, a partir desses dados, selecionamos informações específicas sobre o bacharelado. Nesse período, os egressos do bacharelado representaram entre 27% e 50% do total, com equilíbrio de gênero. Destes, a maioria afirmou estar atuando na área musical. Além disso, 46% dos egressos formaram-se em piano (19 pianistas) entre 2005 e 2008, mas essa proporção caiu para 10% (4 alunos) entre 2009 e 2010. A partir de 2016, o número de egressos do bacharelado variou de 14,6% a 30% e não houve registros de formandos em piano após 2016. A maioria dos egressos atuava na área, principalmente em empresas privadas e avaliaram, em sua maioria, positivamente o preparo do curso e as perspectivas profissionais.

Em 2016, quanto ao nível de satisfação na situação profissional no aspecto financeiro, a maioria indicou como “médio” e como “boa” a perspectiva profissional. Quanto ao preparo que o curso ofereceu para a inserção no mercado de trabalho, 50% afirmaram que “muito”, enquanto 33,3% “razoavelmente” e 16,7% “nada”. No ano de 2017, dos 30 egressos, 9 correspondiam ao bacharelado (30%). Destes, nenhum do curso de piano.

Já em 2018, 67% indicaram “boa” e 19% “razoável” a perspectiva profissional. Quanto ao preparo que o curso ofereceu para a inserção no mercado de trabalho, 47% indicaram “muito”, 48% “razoavelmente” e 5% “pouco”. Em 2019, dos 40 egressos, 10 correspondiam ao bacharelado (25%). 100% afirmaram atuar na área de formação, com 50% em empresas privadas e 50% em organizações públicas. Quanto à perspectiva profissional, 75% indicaram “boa” e 25% “ótima”. Quanto ao preparo que o curso ofereceu para a inserção no mercado de trabalho, 100% indicaram “muito”.

Quanto aos egressos do ano de 2020, não foram disponibilizadas informações. O relatório referente aos anos de 2021 e 2022, indicou que 60 egressos correspondiam a esse período,

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

entretanto, apenas 5 responderam à pesquisa, impossibilitando a coleta de informações relevantes para esse trabalho. Destes 5 egressos, 4 informaram estar atuando na área de formação e consideraram “razoavelmente” ou “nada” o preparo oferecido pelo curso. Apesar de a amostra ser muito pequena, é interessante como, especialmente após a pandemia, o curso parece ter se distanciado da realidade do profissional de música.

No que tange ao tempo de integralização curricular, os relatórios da CPA indicam que, com exceção do ano de 2019, notou-se a prolongação excessiva do curso. Com os dados apresentados, é possível inferir que, a cada ano, o percentual de alunos concluintes em 4 anos é reduzido, chegando a um total de apenas 12% em 2018. Os relatórios referentes aos anos de 2020 a 2022 não disponibilizaram tais informações, entretanto, apontam fragilidades advindas da Pandemia de Covid-19, dentre elas, a evasão de 14 alunos, o trancamento de diversos alunos e atraso no período de integralização curricular. Quanto à evasão entre os anos de 2021 e 2022, somaram-se 26 alunos nos cursos de bacharelado. Os índices referentes aos anos de 2009 a 2018 não foram informados. Quanto ao ano de 2019, o relatório desta data não apresentou resultados da pesquisa realizada com alunos egressos. Entretanto, o relatório aponta um índice de evasão de 10,5%. Em 2020, devido ao fato de não ter um quantitativo suficiente de participação na pesquisa, não é possível inferir índices significativos.

A título de exemplificação, podemos observar o tempo de integralização curricular dos entrevistados. Isa Boechat concluiu o curso em 4 anos (1972-1975), afirmando não ter enfrentado obstáculos profissionais ou acadêmicos para a integralização da grade curricular. Janne Gonçalves concluiu o curso em 6 anos (1994-1999) apontando dificuldades como a conciliação do curso com a profissão de professora, a maternidade e dificuldades com a disciplina de piano devido à falta de tempo disponível para estudo do instrumento e desorganização pedagógica de alguns professores. Janne afirma, também, que de seus alunos de bacharelado, foram poucos os que concluíram o curso em 4 anos. Por fim, Matheus Cutini se formou em 7 anos (2007-2013) devido ao fato de ter se inserido no mercado de trabalho no segundo ano da graduação, tendo conflitos de horários para cumprimento de algumas disciplinas teóricas e por ter tido a redução drástica do tempo para estudo do instrumento (BIANCHI, 2024).

Em relação aos anos de 2009 e 2010, a Comissão Própria de Avaliação (CPA) aponta que 60% dos alunos concluíram o curso em 8 períodos, 30% tiveram o curso estendido por 2 ou 3 períodos, enquanto 10% enfrentaram um prolongamento excessivo. Já em 2016, observa-se uma leve piora no cenário: 57,6% dos graduandos concluíram o curso em 8 períodos, enquanto 33,3% tiveram o

curso estendido por 2 ou 3 períodos e 9,1% enfrentaram um prolongamento excessivo. Essa tendência de aumento no tempo de conclusão pode indicar uma crescente complexidade no curso, falhas na orientação acadêmica ou mesmo desafios externos que impactam a trajetória dos estudantes. O ano de 2018, no entanto, revela um cenário mais preocupante: apenas 33,3% dos alunos concluíram o curso no tempo previsto, enquanto 38% tiveram o curso estendido por 2 ou 3 períodos e 28,7% enfrentaram um prolongamento excessivo. Em 2019, os dados mostram uma distribuição ainda mais fragmentada: apenas 12% dos alunos concluíram o curso em 4 anos, 19% em 5 anos, 25% em 7 anos, 6% em 6 anos e 38% acima de 7 anos.

O aumento expressivo no tempo de permanência dos estudantes pode ser atribuído a diversos fatores, sendo impossível, neste estudo, determinar uma única causa. Desde a falta de suporte adequado, mudanças curriculares mal implementadas, desmotivação diante de um mercado de trabalho desafiador e lacunas na educação básica, até questões como a dificuldade de conciliar as demandas do curso com uma jornada de trabalho muitas vezes fora do seu campo de formação. Quaisquer que sejam os motivos, o fato é que esses dados revelam uma realidade alarmante, em que menos de um terço dos estudantes concluíram o curso no tempo ideal, enquanto a maioria enfrenta prolongamentos significativos.

Apesar das estatísticas apontadas, é importante destacar que, na prática, muitos egressos não estão atuando na área de formação para a qual o curso foi originalmente projetado, que é voltada para a performance do instrumento. A atuação como professores de música, por exemplo, embora seja uma realidade comum entre os egressos, não é uma atividade prevista nos objetivos principais do curso, que tem como foco a formação de instrumentistas de excelência. Essa discrepância entre a formação oferecida e a realidade do mercado de trabalho sugere uma necessidade de revisão do currículo e das políticas de inserção profissional, de modo a alinhar as expectativas da instituição com as demandas reais dos egressos. Além disso, a falta de oportunidades formais de trabalho na área de performance pode estar contribuindo para o prolongamento do tempo de conclusão do curso e para a desmotivação dos estudantes, que muitas vezes precisam buscar alternativas fora de sua área de formação para garantir sua subsistência.

5. Pianistas formados na FAMES e suas inserções profissionais

As entrevistas, realizadas sob metodologia semiestruturada, permitiram a coleta de diversas informações sobre a FAMES, a formação dos entrevistados e suas atuações profissionais, indo além dos dados inicialmente pretendidos. Isa Boechat, Janne Gonçalves e Matheus Cutini, formados em

períodos distintos e com trajetórias diferentes, compartilham a escolha pela graduação em música erudita motivados pela dedicação ao instrumento e ao fazer musical. As entrevistas apresentam informações pessoais, institucionais e políticas, abrangendo quase 50 anos, período em que os entrevistados estiveram na FAMES como alunos e/ou profissionais no Espírito Santo. Eles compartilharam motivações acadêmicas e profissionais, percursos artísticos, reflexões sobre a prática, formação recebida, percepções sobre a instituição, a educação musical no Brasil e no mundo, relações políticas e socioeconômicas na música erudita, além de reflexões sobre o fazer artístico contemporâneo. Essas entrevistas, ao sintetizar experiências individuais com mudanças institucionais e sociais, oferecem uma reflexão rica sobre os rumos da educação musical e da prática da música erudita no Espírito Santo, evidenciando tensões e possibilidades em um cenário globalizado e diversificado¹².

5.1. Isa Virgínia Boechat Póvoa Maciel

Na década de 1960, em Manhumirim (MG), o estudo do piano era um elemento central na educação e no *status* social das moças, sendo comum o instrumento nas residências. Influenciada pela família, que tocava piano em casa e na igreja, Isa Boechat iniciou seus estudos musicais ainda na infância, com aulas particulares e participação ativa na igreja, posteriormente ingressando no Conservatório Brasileiro de Música. Em um contexto em que as mulheres eram educadas para o casamento e a maternidade, optou por uma trajetória acadêmica e profissional. Após uma breve passagem pelo curso de Geografia em Londrina (PR), mudou-se para Vitória (ES), onde ingressou na Escola de Música do Espírito Santo (EMES) e, simultaneamente, atuou como professora particular de piano. Durante o bacharelado em piano na FAMES, assumiu a substituição de uma professora do curso preparatório de piano, iniciando uma longa carreira na instituição, que incluiu a chefia do Departamento de Teclas, a direção da FAMES (1996) e a Assessoria Acadêmica, além de contribuições significativas na organização de eventos e na formação de músicos, atuando até 2017.

Segundo Isa, na década de 1970, Vitória recebia apresentações de renomados músicos como Arnaldo Cohen, Nelson Freire e Astor Piazzolla no Teatro Carlos Gomes, hoje fechado há quase 7 anos. A intensa produção cultural, incluindo recitais, seminários e masterclasses, foi crucial para a difusão musical no Estado e motivou alunos e músicos locais. Isa destaca que a predominância de

¹² Todas as informações contidas nesta seção foram extraídas das entrevistas, disponíveis em sua totalidade em Bianchi (2024). As ideias aqui expostas são de responsabilidade dos entrevistados e não necessariamente refletem a opinião dos autores.

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

mulheres pianistas na direção da EMES reflete a valorização da música erudita e a forte produção musical da época. A entrevistada afirma que ingressar nas classes de música erudita da EMES era o sonho de muitos jovens capixabas inspirados na carreira solista de grandes pianistas. Isa enfatiza, no entanto, que poucos alunos alcançaram esse objetivo: as meninas, em sua maioria, se casaram e o restante encontrou os obstáculos presentes entre os artistas brasileiros como a falta de cursos de pós-graduação em Música e a necessidade de sair do país em busca de mais oportunidades com a música clássica. Em geral, após se formarem, os egressos atuavam como professores de música, regentes de corais e como instrumentistas em igrejas e eventos.

Conforme a professora emérita, a EMES foi marcada por conflitos, como o embate entre as professoras Natércia Lopes e Gracinha Neves na década de 1980, que polarizou a comunidade acadêmica e ganhou repercussão na imprensa. Isa defende que, apesar das rivalidades e desacordos internos, o desempenho musical dos alunos nunca foi prejudicado, mesmo diante das críticas e impasses gerados. Em 1991, a diretora Sonia Cabral expôs a necessidade de contratação de professores devido à quantidade de 1336 alunos matriculados e à insuficiência de professores para atendê-los (Carneiro e Ribeiro, 2010). Antes disso, houve uma greve de professores da EMES reivindicando melhorias trabalhistas e salariais. O Governo Estadual, então, ofereceu a realização do primeiro concurso, que ocorreu em 1992, mas as vagas não foram completamente preenchidas. No ano seguinte, foram realizadas novas contratações, mas, devido à instabilidade econômica e às altas taxas de inflação decorrentes das políticas econômicas do Governo Federal, muitos professores pediram demissão, licença sem vencimentos e até mesmo aposentadoria. Esse fato levou o quadro docente a ser, novamente, deficitário e motivou uma nova tentativa de integrar a EMES à UFES. Apesar das dificuldades financeiras e administrativas, o departamento de piano manteve-se estável, com cerca de 250 alunos, sem ser afetado diretamente pelos problemas gerais da instituição.

Isa critica a falta de apoio político do Estado à instituição, destacando que os gestores sempre dependiam de aliados políticos para manter a Escola de Música funcionando. Durante sua gestão como diretora, enfrentou ordens para demitir 50% dos funcionários e ameaças de fechamento, aliando-se a políticos e organizando manifestações com professores e alunos na Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Apesar das dificuldades financeiras, como cortes de energia e salários atrasados por até 8 meses durante o governo de Vitor Buaiz, Isa ressalta que a comunidade da EMES sempre se uniu para manter as atividades artísticas. Para ela, a instituição sobreviveu graças à luta incansável de suas diretoras e professoras.

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

Em sua percepção, a partir de 1999, com a gestão de Nelson Gonçalves, a EMES democratizou o acesso, antes visto como elitista. Houve a criação do CFM em música popular e a inclusão de músicos da Polícia Militar e da Orquestra Filarmônica como alunos da instituição, ampliando as opções além da música erudita. Embora o piano tenha perdido protagonismo como primeira escolha dos ingressantes, Isa destaca que o curso manteve uma quantidade significativa de alunos nos anos seguintes.

Em relação ao mercado de trabalho, Isa acredita que a nova geração de alunos da FAMES seguirá atuando principalmente na docência, área mais acessível e rentável para músicos no Brasil, diante da redução de eventos de música erudita e sua desvalorização pela sociedade. Ela destaca a necessidade de dedicação intensa ao estudo do piano, participação em concursos e intercâmbios, mas reconhece as dificuldades de uma carreira como solista, enfatizando a importância de diversificar atuações, como ensino, música popular e outras áreas, diante dos desafios e pressões da profissão.

Isa destaca que os cursos de musicalização e formação musical da FAMES foram fundamentais para preparar alunos para a graduação, com muitos ingressantes vindos desses cursos entre 2004 e 2007. Atualmente, ela expressa preocupação com a redução de alunos no curso de piano, atribuindo isso a fatores como mudanças tecnológicas, socioculturais e a desvalorização da música. Sobre a metodologia, Isa observa que o ensino era semelhante ao modelo conservatorial, com avaliações subjetivas e didáticas baseadas nas experiências dos professores, sem parâmetros unificados. Ela ressalta a importância da relação afetiva e motivadora entre professores e alunos, mas reconhece desafios no atual PPC, como a dificuldade de conciliar disciplinas com o tempo necessário para o estudo do instrumento. Apesar disso, Isa vê benefícios na integração de disciplinas para a formação profissional dos alunos.

5.2. Janne Gonçalves de Oliveira

Janne Gonçalves iniciou seus estudos em Cachoeiro de Itapemirim e, posteriormente, em Vitória, onde ingressou no curso preparatório da EMES aos 10 anos. Após o divórcio dos pais, foi obrigada a interromper os estudos e retornar a Cachoeiro, mas, aos 15 anos, voltou a Vitória, onde começou a dar aulas de piano como meio de subsistência. Posteriormente, retomou os estudos na FAMES, ingressando no bacharelado em Piano em 1994. Apesar de atuar como pianista acompanhadora e dedicar-se ao ensino, enfrentou desafios como a maternidade, problemas

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

familiares, além das dificuldades encontradas no próprio curso de graduação, como a desorganização, descrita por Janne, dos professores e da estrutura pedagógica do curso.

Janne reconhece a importância da FAMES em sua trajetória pessoal e profissional, mas aponta fragilidades durante seu período como aluna, como a falta de conhecimento técnico e profissionalismo de alguns professores, a ausência de incentivo à performance em recitais e a necessidade de reaprender aspectos técnicos após descobrir "mitos" ensinados no curso. Após se formar, Janne fundou uma escola de música, concluiu o mestrado na UFRJ e atuou como professora de piano na FAMES até 2019, enfrentando desafios como o despreparo dos alunos, a competitividade entre professores e a resistência a novas metodologias. Ela destaca que o curso de piano sempre foi o "carro-chefe" da instituição, especialmente sob a gestão de pianistas, mas observa que o departamento enfraqueceu com mudanças na direção e a falta de atualização pedagógica.

Janne avalia que a relação entre o Estado e a FAMES era frágil, com pouco apoio político e fomento adequado, resultando em uma gestão instável. A ex-professora pensa não ser benéfica para a instituição a relação de gestores advindos de cargos comissionados, pois observou que projetos e reformas iniciados por uma gestão raramente eram continuados pela seguinte, gerando descontinuidade e falta de investimentos. Durante seus 14 anos como professora temporária, Janne enfrentou a insegurança profissional e a constante ameaça de fechamento da FAMES.

A respeito da atual situação do departamento de piano, Janne acredita que a redução do quadro discente é reflexo das mudanças sociais e das novas gerações, mas afirma que houve também muitas falhas cometidas pela instituição. Em comparação com os cursos de extensão da FAMES que são similares às propostas das escolas privadas, cita o fato de ter hoje em sua escola mais de 250 alunos matriculados na classe de piano trabalhando o repertório erudito, além de possuir uma extensa lista de espera. Segundo a professora, isso é resultado de um trabalho que prioriza a motivação e o incentivo ao estudo do instrumento.

Quanto à dinâmica do curso de bacharelado em piano, Janne aponta algumas críticas, de acordo com a sua própria vivência na FAMES: avaliações subjetivas, falta de ética de alguns professores, exclusão de alunos considerados menos "talentosos" em recitais, e a pouca oferta de festivais e masterclasses. Ainda de acordo com sua experiência no tempo em que esteve na FAMES, aponta a desorganização pedagógica e comportamentos egocêntricos de alguns professores como prejudiciais aos alunos. Em relação à educação musical de base, Janne considera os cursos de extensão da FAMES deficitários, refletindo um problema nacional, o que, em sua opinião, explica a

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

baixa procura pelo bacharelado. Atualmente, ela vê o curso de piano da FAMES como praticamente inexistente, devido à falta de alunos, estímulo à performance e oportunidades para construir currículo artístico.

Janne observa que o mercado de trabalho para pianistas mudou significativamente desde o início de sua carreira, com menos oportunidades para recitais de música erudita, atuação como pianista correpetidor e ensino do instrumento, além de plateias vazias e falta de incentivo governamental à cultura no Espírito Santo. Como empreendedora, ela fundou a Escola de Música Gabriel Camargo há 28 anos, que hoje conta com cerca de 500 alunos e se destaca pela realização de recitais, masterclasses, avaliações semestrais e pelo sucesso de seus alunos em concursos nacionais e internacionais. Janne critica a rotulação de alunos como "talentosos" ou não, comum em sua experiência na FAMES, e defende que o desenvolvimento musical depende de estudo, dedicação e oportunidades. Ela alerta para o risco de extinção do ensino de piano erudito no Brasil devido a falhas no ensino básico e intermediário. A entrevistada considera a iniciação musical fundamental, afirmando que sem uma base sólida é difícil que os alunos estejam aptos a ingressar na graduação em música.

Janne destaca a importância do empreendedorismo, gestão de carreira e *networking* para a inserção no mercado de trabalho, enfatizando que um pianista competente deve ser versátil, atuando como camerista, professor, solista e gestor, ressaltando que a estabilidade financeira pode ser alcançada por meio de uma visão empreendedora, independentemente de um trabalho formal. Sobre as reformulações curriculares da FAMES, Janne acredita que o afastamento do modelo conservatorial possa ser um dos motivos da baixa procura pelo curso e acredita que a inclusão de disciplinas de escopo comum, pesquisa e música e mercado são insípidas e pouco contribuem para a inserção profissional devido à condução dos conteúdos, além de fazer com que os alunos não tenham tempo para se dedicar ao instrumento. Por fim, ela reconhece os desafios enfrentados pelos músicos eruditos no Brasil, como a pressão política e a desvalorização cultural, mas defende o papel social desses profissionais em promover a música erudita e incentivar o ensino musical entre crianças e adolescentes.

5.3. Matheus Braga Cutini

Matheus, que foi aluno de Janne Gonçalves, inicialmente via o piano como uma atividade secundária, estudando apenas antes de recitais, até participar de um festival em Brasília e do concurso Villa-Lobos, que o motivaram a se dedicar mais. Apesar de inicialmente optar por

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

medicina por medo da instabilidade financeira, ele foi incentivado por Janne a fazer o vestibular para o bacharelado em piano na FAMES, onde ingressou em 2007. Após se formar, Matheus construiu uma carreira diversificada, incluindo projetos sociais, festivais, ensino, concursos e empreendimentos na área de eventos, consolidando-se como um pianista e profissional multifacetado.

Graça Neves, sua primeira professora na graduação, foi uma figura influente em sua formação, não apenas como pianista, mas também como empresária e idealizadora de projetos como a série "Concertos Internacionais" e iniciativas sociais. Ela proporcionou a Mateus oportunidades únicas, como conhecer grandes músicos eruditos e trabalhar como professor no Centro Musical Villa Lobos. Apesar de sua técnica pianística ter sido moldada por Gracinha (como era conhecida), a falta de tempo da professora levou Matheus a ser orientado por Anny Cabral, que ampliou seu repertório e paixão por compositores como Chopin, Beethoven e Liszt. Em 2008, Gracinha promoveu um intercâmbio que permitiu a Matheus estudar na Espanha e Portugal, e, posteriormente, foi premiado em concursos. Uma visita de professores da École Normale de Paris, organizada por Gracinha, resultou em um convite para Matheus estudar no renomado conservatório, mas a falta de bolsa de estudos impediu sua ida. Com o fechamento da escola de Gracinha, Matheus passou a lecionar na Escola Gabriel Camargo, de Janne Gonçalves, enfrentando dificuldades para conciliar trabalho e graduação, o que prolongou sua formação para 7 anos, marcada por reprovações por falta e redução do tempo dedicado ao estudo do piano.

Após se formar em 2013, foi contratado para trabalhar no projeto social Vale Música, onde atuou por 6 anos conciliando, ainda, trabalhos informais em casamentos, eventos e aulas particulares de música. Junto a um amigo, idealizou uma empresa de eventos e casamentos, o "Cais Jacarandá", que atualmente possui uma agenda bastante movimentada, gerando retornos rentáveis. Em sua visão, uma das principais estratégias para ter seu negócio bem-sucedido foi ter aceitado, no início, tocar recebendo baixos cachês ou até mesmo tocar de graça para conquistar visibilidade. Atualmente, sua fonte de renda é proveniente de aulas particulares, da atuação como pianista colaborador em 3 corais e da atuação como pianista em eventos e casamentos.

Ao refletir sobre sua formação na FAMES, Matheus acredita que suas expectativas não foram completamente atendidas e afirma que o curso não o preparou para o mercado de trabalho. Para ele, o curso é voltado para alta performance, mas a maioria das disciplinas não dialogam com a realidade, deixando os alunos despreparados para um mercado que exige mais do que conhecimentos musicais. Matheus destaca a importância de integrar a música popular, desenvolver

habilidades como comunicação e relações interpessoais, e incluir noções de administração e empreendedorismo, já que o músico hoje é o empresário de si mesmo. Ele enfatiza que essas temáticas precisam ser abordadas por professores qualificados e com vivências práticas, criticando o curso por não estar atrelado à realidade social, econômica e musical.

Matheus também atribui a redução do corpo discente à deficitária educação musical de base, algo que ele mesmo vivenciou, chegando à graduação com lacunas técnicas. Além disso, ele confirma que conflitos internos na FAMES, como trocas de gestão, competitividade e disputas de egos entre professores, impactaram negativamente o rendimento dos alunos. Para ele, as oportunidades de trabalho formal com música no Espírito Santo são escassas, e a melhor saída é o empreendedorismo, o investimento em marketing pessoal e o conhecimento de financiamentos estatais, como projetos culturais e leis de fomento.

6. Considerações finais

A trajetória da FAMES, desde sua fundação até a consolidação como instituição de ensino superior de referência no Espírito Santo, revela-se marcada por desafios históricos, políticos e sociais, que envolvem desde questões de gestão e estrutura organizacional até debates sobre gênero e inclusão. Além disso, observa-se através das entrevistas, que os conflitos internos e as dificuldades financeiras da FAMES demonstram a complexidade da educação musical no Estado e a sua relação com a sociedade local e as políticas educacionais estaduais.

Embora a FAMES tenha enfrentado obstáculos significativos, a sua contribuição para a formação de músicos no Espírito Santo e sua influência sobre o cenário musical capixaba são inegáveis. A instituição, ao longo de sua história, formou profissionais que desempenham papéis cruciais tanto no meio acadêmico quanto no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que se adaptou às mudanças sociais, culturais e educacionais, refletindo as tensões e transformações do país. O estudo da história da FAMES, portanto, não apenas ilumina a trajetória da música erudita no Espírito Santo, mas também possibilita compreender os processos de inserção profissional de seus egressos e o mercado de trabalho em música no Estado, além de oferecer, ainda, importantes reflexões sobre as questões de identidade, gênero e inclusão no campo artístico e educacional.

A análise dos currículos de Bacharelado em Música, no contexto da FAMES, revela a evolução de uma formação tradicionalmente conservatorial para uma proposta pedagógica mais integrada e interdisciplinar. A transição entre abordagens curriculares reflete as mudanças nas necessidades

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

do mercado de trabalho e a crescente diversidade nas carreiras profissionais dos músicos. Embora o foco inicial fosse predominantemente a formação técnica de intérpretes, atualmente, busca-se uma maior flexibilidade e adaptação à realidade dos egressos, que, muitas vezes, atuam como professores e em outras funções além da performance. No entanto, em que pese tal atualização, pode-se observar nos últimos relatórios da CPA e nas entrevistas de Janne Gonçalves e Matheus Cutini, que parte dos egressos considera que ainda existe uma defasagem entre a formação oferecida e as demandas do mercado de trabalho. Assim, desafios como a falta de atualização, a grande quantidade de disciplinas distribuídas para cada semestre letivo e a rigidez dos métodos avaliativos ainda persistem, exigindo uma reflexão contínua sobre como alinhar os cursos às novas demandas educacionais e profissionais.

Além disso, ao comparar as grades curriculares dos cursos de bacharelado em piano da FAMES com as de outras instituições renomadas (USP, UFRJ, UFMG e UFBA), pôde-se observar que a instituição oferece uma formação robusta, mas pode carecer de um melhor equilíbrio entre teoria e prática, além de necessitar ajustar seus conteúdos para que dialoguem de maneira mais eficaz com as exigências da vida profissional contemporânea e as demandas do mercado de trabalho atual.

Ao longo das décadas, o curso de bacharelado em música na FAMES teve alta demanda nos anos 1970 e 1980, especialmente para piano. Nos anos 1990, o aumento de vagas e professores refletiu o crescimento da instituição. Contudo, a partir dos anos 2000, a procura diminuiu, com menos alunos ingressantes e dificuldade em preencher vagas, indicando uma desaceleração no interesse pelo curso.

Os dados apresentados sobre o perfil dos alunos ingressantes e egressos no curso de Bacharelado em Música da FAMES indicam mudanças significativas ao longo dos anos, refletindo tanto o contexto institucional quanto as dinâmicas externas que impactaram o curso. Historicamente, o ingresso de alunos de uma elite socioeconômica, muitas vezes oriundos de contextos religiosos, foi predominante nas primeiras décadas, conforme apontado por Isa Boechat. No entanto, ao longo do tempo, observou-se uma diminuição no número de ingressantes no curso de bacharelado, especialmente no piano erudito, com a concorrência de outras habilitações e a diversificação da oferta de cursos. O impacto da pandemia de Covid-19 também foi notado, com aumento na evasão, trancamentos e a ampliação do tempo de integralização do curso.

No que tange à inserção profissional, a grande maioria dos egressos afirma estar empregada na área de formação. No entanto, é importante destacar que essa área se refere ao âmbito musical

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

de forma geral, e não especificamente ao bacharelado em instrumento, curso que, por sua natureza, contempla a preparação para atuação primária no campo da performance musical, como integração a agrupamentos musicais diversos, como orquestras sinfônicas, de câmara, bandas sinfônicas, e a prática musical camerista, sejam elas promovidas pelo poder público direto, parcerias público privadas, iniciativa privada (mercado fonográfico, televisão, *streaming*) ou, até mesmo, atividades de performance mais “individualizadas”, como o empreendedorismo musical, seja ele para atuação direta em atividades de mercado como músico em eventos ou atividades em que o músico atue como solista em grupos musicais estáveis ou *ad hoc*. Embora o bacharelado em instrumento forneça uma base técnica, ele não abrange as demandas de setores profissionais que foram apontados pelos egressos como as atuais alternativas de atuação profissional no Espírito Santo: a quantidade de egressos atuando como autônomos reforça a necessidade de adaptação ao mercado de trabalho tal como ele se configura atualmente, sugerindo que, apesar da formação adquirida, muitos precisaram ampliar suas funções além do que o currículo do curso originalmente prevê. A diminuição do número de graduados em piano ao longo dos anos e o baixo índice de estudantes formados dentro do período de integralização estimado são questões a se pensar, especialmente considerando os desafios enfrentados pelos alunos, como conciliar a formação com a profissão, as questões pessoais e a falta de tempo dedicado ao estudo prático do instrumento.

A partir da análise documental realizada e, sobretudo, das informações provenientes de fontes orais coletadas por meio de entrevistas (BIANCHI, 2024), emergiu a percepção de que o mercado de trabalho em música no Espírito Santo é reduzido, especialmente no que diz respeito às oportunidades formais. Contudo, tal cenário carece de estudos específicos que possam confirmar e aprofundar essa realidade. No Espírito Santo, os egressos atuam, majoritariamente, no ensino de piano através de aulas particulares ou escolas privadas. Na maioria dos casos, os músicos não conseguem se estabelecer em uma única atuação, necessitando conciliar mais de uma atividade. Além das aulas de piano, geralmente os pianistas atuam em eventos e casamentos e na prática colaboradora como acompanhamento de corais e correpetição.

As entrevistas realizadas destacaram a educação musical como meio de transformação social, enfatizando o papel dinâmico da música erudita em diálogo com outras manifestações culturais. As mudanças nos modelos pedagógicos e as reflexões sobre o papel da FAMES revelam avanços e desafios, apontando para uma abordagem mais crítica e consciente do fazer artístico, com implicações culturais, sociais e políticas. Embora a pesquisa tenha se baseado em apenas três entrevistas, a escolha desses entrevistados foi estratégica e justificada pela representatividade de

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

suas trajetórias no contexto da música erudita no Espírito Santo. Evidentemente, cada entrevistado tem seu próprio viés e, como tal, suas percepções são passíveis de serem confrontadas com outras experiências. A amostragem abrange diferentes gerações e áreas de atuação, o que proporciona uma visão de parte da realidade enfrentada pelos pianistas no Estado, oferecendo um panorama valioso e substancial que reflete as dificuldades e as possibilidades que a grande maioria dos pianistas locais vivencia.

Diante do exposto ao longo desta pesquisa, é possível concluir que, embora o currículo do Bacharelado em Música da FAMES tenha dado passos importantes ao longo dos anos, ele ainda apresenta uma série de limitações. Para que a formação de pianistas seja realmente transformadora e capaz de responder às demandas contemporâneas, é necessário que a instituição revise sua abordagem pedagógica de forma mais crítica, considerando as múltiplas possibilidades de atuação profissional e integrando mais profundamente os avanços culturais, tecnológicos e sociais do campo musical. A implementação de um currículo verdadeiramente inovador e inclusivo, que abrace uma maior diversidade de repertórios e métodos de ensino, além de promover a reflexão crítica sobre o papel do músico na sociedade, é um caminho essencial para a atualização e relevância do curso diante das transformações do mundo da música.

Referências

BIANCHI, Paula Rubia. **O bacharel em piano formado pela FAMES e sua inserção profissional no Espírito Santo**. 2024. 141 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Música, Habilitação em Piano, Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira", Vitória, 2024.

CARNEIRO, Catarina M.; RIBEIRO, Daniela R. **Notas sobre a Fames: a história da primeira instituição de ensino de música do Espírito Santo**. Vitória: DIO, 2010.

CERQUEIRA, Amanda Coutinho. Viver de música: empreendedorismo cultural e precarização do trabalho. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 33, n. 1, p. 85-107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1677>. Acesso em: 16 mai. 2025.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. Perspectivas profissionais dos bacharéis em piano. **Revista eletrônica de musicologia**, v. 13, 2010. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/REM/REMr13/06/perspectivas_bachareis_piano.htm. Acesso em: 16 mai. 2025.

COUTINHO, Raquel Avellar. **Formação superior e mercado de trabalho: considerações a partir das perspectivas de egressos do Bacharelado em Música da UFPB**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7491?locale=pt_BR. Acesso em: 16 mai. 2025.

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

ESCOLA DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Regimento Interno 1974. Vitória: EMES, 1974.

ESCOLA DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Regimento Interno 1975. Vitória: EMES, 1975.

ESCOLA DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Regimento Interno 1991. Vitória: EMES, 1974.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Relatório final de avaliação institucional 2009/2011. Vitória: Fames, 2011.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Relatório final de avaliação institucional 2016/2017. Vitória: Fames, 2017.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Relatório final de avaliação institucional 2018. Vitória: Fames, 2018.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Relatório final de avaliação institucional 2019. Vitória: Fames, 2019.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Relatório final de avaliação institucional 2020/2021. Vitória: Fames, 2021.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Relatório final de avaliação institucional 2021/2022. Vitória: Fames, 2022.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Bacharelado em música em ênfase em instrumento: teclas e percussão. Vitória: Fames, 2004.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Projeto pedagógico do curso. Vitória: Fames, 2011.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Projeto pedagógico do curso. Vitória: Fames, 2018.

FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO. Plano Pedagógico do Curso de Graduação em Música: Volume I. Vitória: Fames, 2022.

FAMES. Histórico da Instituição. Faculdade de Música do Espírito Santo, 2023. Disponível em: <https://www.fames.es.gov.br>.

HARDER, Rejane; ZORZAL, Ricieri. Nos passos de Anchieta: Caminhada pela história da educação musical no Espírito Santo. In: OLIVEIRA, Alda; CAJAZEIRA, Regina (Org.). **Educação musical no Brasil**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, Sonare Centro de Produção, Documentação e Estudos de Música, 2007, p. 148-156.

MARTINS, Regina Célia Nava. **Escola de Música do Espírito Santo: 50 anos de história**. 2006. 26f. Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação em Docência para Ensino Superior) - Faculdade Batista de Vitória, Vitória, 2006.

O Bacharelado em Piano da FAMES e sua Relação com o Mercado de Trabalho no Espírito Santo: Desafios e Perspectivas

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. **O ensino superior e as licenciaturas em música**: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

REQUIÃO, Luciana. Processos de trabalho do músico & formação profissional: fundamentos metodológicos. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. **Anais [...]**. 2005. p. 1380-1386.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Os músicos e seu trabalho: diferenças de gênero e raça. **Tempo social**, v. 26, p. 75-86, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/84980>. Acesso em: 16 mai. 2025.